



CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS CULTURAIS

CARTA DE APOIO À PRESERVAÇÃO DA OBRA “SANTA CEIA”, DE SÉRGIO PRATA

À Administração Paroquial,
às autoridades eclesiásticas competentes,
à comunidade da Vila Aparecida
e a todos aqueles comprometidos com a preservação do patrimônio artístico e religioso,

Venho, por meio desta, manifestar meu apoio à preservação e à permanência da obra “Santa Ceia”, de autoria do artista Sérgio Prata, concebida especialmente para integrar o espaço do altar da Igreja da Vila Aparecida.

Como profissional atuante na área de Conservação e Restauro de Bens Culturais e pesquisadora dedicada ao estudo e à preservação da arte sacra, considero importante chamar a atenção para uma questão fundamental: uma obra de arte integrada a um espaço religioso não deve ser compreendida exclusivamente como um objeto decorativo passível de substituição conforme mudanças estéticas ou circunstanciais.

Quando uma pintura é concebida especificamente para determinado espaço arquitetônico, ela estabelece relações materiais, visuais, simbólicas, litúrgicas e afetivas com aquele ambiente e com a comunidade que o utiliza.

Nesse sentido, a Santa Ceia realizada por Sérgio Prata ultrapassa sua dimensão material. Ela representa o trabalho de um artista, mas representa também a participação de uma comunidade, um período da história daquela igreja, uma expressão de fé e uma determinada concepção artística e religiosa de seu tempo.

Preservar patrimônio não significa preservar apenas aquilo que é antigo.

O patrimônio que hoje reconhecemos como histórico foi, em algum momento, contemporâneo. Igrejas, pinturas murais, retábulos, esculturas e conjuntos decorativos que atualmente protegemos foram produções de artistas vivos em suas respectivas épocas.

É justamente a capacidade de reconhecer o valor de uma obra antes de sua perda que distingue a preservação da simples tentativa posterior de recuperar aquilo que já desapareceu.

Por essa razão, qualquer decisão envolvendo remoção, deslocamento, substituição ou descaracterização de uma obra dessa natureza deveria ser precedida de documentação, levantamento histórico, avaliação do estado de conservação e análise técnica realizada por profissionais especializados em patrimônio cultural e conservação e restauro.

Há ainda um princípio particularmente importante para a conservação de bens culturais: o contexto também constitui parte do significado da obra.

Uma pintura concebida para determinado altar possui uma relação específica com sua arquitetura, suas proporções, sua iluminação, sua iconografia e com a experiência das pessoas que frequentam aquele espaço. Sua retirada pode significar não apenas uma



mudança física, mas também a ruptura dessa relação histórica e simbólica.

A Igreja Católica é, no Brasil e no mundo, uma das grandes guardiãs do patrimônio artístico da humanidade. Ao longo dos séculos, a fé cristã encontrou na arte uma de suas mais extraordinárias formas de expressão, catequese e transmissão da memória.

Preservar a arte sacra, portanto, não significa transformar a igreja em museu ou impedir que os espaços religiosos continuem vivos e se transformem. Significa fazer com que essas transformações ocorram com discernimento, conhecimento técnico, documentação e respeito à memória das comunidades.

Por isso, considero prudente que, antes de qualquer intervenção definitiva sobre a Santa Ceia de Sérgio Prata, seja constituída uma avaliação técnica e histórica independente, permitindo compreender adequadamente seu valor artístico, seu estado de conservação, sua relação com a arquitetura e sua importância para a memória da comunidade.

Caso existam necessidades litúrgicas, arquitetônicas ou pastorais que motivem alterações no espaço, acredito que o caminho mais adequado seja o diálogo entre Igreja, comunidade, artista e profissionais especializados em patrimônio, buscando uma solução capaz de conciliar essas necessidades com a preservação da obra.

Também considero importante reconhecer e respeitar a trajetória de Sérgio Prata enquanto artista dedicado à arte sacra. Independentemente de preferências estéticas individuais - naturalmente variáveis ao longo das gerações -, a produção artística contemporânea destinada aos espaços religiosos constitui documentação de nossa própria época e poderá ser objeto de estudo, reconhecimento e valorização pelas gerações futuras.

Não cabe à conservação decidir se uma geração deve gostar ou não da expressão artística produzida pela geração anterior. Cabe-nos assegurar que decisões irreversíveis não eliminem os testemunhos materiais necessários para que o futuro possa conhecê-la, estudá-la e compreendê-la.

Por isso, manifesto meu apoio à preservação da Santa Ceia e à realização de estudos técnicos antes de qualquer decisão que possa resultar em sua remoção, alteração ou perda.

Que este momento possa transformar-se não em um conflito, mas em uma oportunidade de diálogo e de conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio religioso contemporâneo.

Uma comunidade que preserva sua arte preserva também parte de sua história.

E preservar o sagrado é, sobretudo, compreender que aquilo que recebemos de uma geração deve ser tratado com responsabilidade antes de ser entregue à próxima.

Atenciosamente,

Jéssica Cristina Gomes Lacerda



CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS CULTURAIS

Jéssica Cristina Gomes Lacerda
Conservadora-Restauradora de Bens Culturais
Doutoranda em Conservação e Restauro de Bens Culturais - Universidade Católica Portuguesa,
Porto
Mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia - MAST
Graduada em Belas Artes - UFRRJ
Atelier ARPA - Conservação e Restauro de Bens Culturais